

# DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

## *Rodolpho Theophilo: Políticas de Saúde Pública no Ceará (1877-1910)*

*Rodolpho Theophilo: Public Health Policies in Ceará (1877-1910)*

**Janille Campos Maia<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este artigo analisa as políticas de saúde pública no Ceará entre 1877 e 1910, com ênfase na atuação de Rodolpho Theophilo. Partindo das crises provocadas pela seca de 1877 e pela epidemia de varíola que se alastrou no período, a pesquisa aborda como Theophilo criticou medidas que julgava ineficazes do governo local e se engajou na criação de soluções próprias, como a produção de vacinas e a implementação de campanhas de vacinação. Através da análise de relatórios oficiais, documentos administrativos, correspondências e artigos da imprensa da época, busca-se compreender como o farmacêutico se destacou na organização de políticas sanitárias autônomas, tensionando as relações entre saber científico, atuação estatal e protagonismo individual no campo da saúde pública no contexto da grande seca de 1877 até a Primeira República.

**Palavras-chave:** Saúde Pública; Epidemia de varíola; Rodolpho Theophilo.

**Abstract:** This article examines public health policies in Ceará between 1877 and 1910, with a focus on the role of Rodolpho Theophilo. Starting from the crises triggered by the 1877 drought and the smallpox epidemic that spread during this period, the research explores how Theophilo criticized measures he deemed ineffective by the local government and engaged in creating his own solutions, such as vaccine production and the implementation of vaccination campaigns. Through the analysis of official reports, administrative documents, correspondence, and newspaper articles from the time, the study seeks to understand how the pharmacist stood out in organizing autonomous sanitary policies, straining the relationships between scientific knowledge, state action, and individual agency in the field of public health from the context of the great drought of 1877 to the First Republic.

**Keywords:** Public Health; Smallpox Epidemic; Rodolpho Theophilo.

1 Doutora em História das Ciências e da Saúde – PPGHCS/COC/Fiocruz. Professora de História – SEEDUC/RJ. E-mail: camposnile@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0000-0798-1882>.

## Introdução

A seca e a doença estiveram presentes na história cearense por longos períodos. Era lugar comum se referir à varíola como acompanhante da seca durante todo o século XIX. Após um período de relativa tranquilidade no que diz respeito ao número de casos da doença no Ceará desde a década de 1850, a ausência de chuvas no ano de 1877 trouxe memórias de tempos difíceis, nos quais milhares de pessoas morreram ou foram afetadas pela estiagem.

No que diz respeito à importância que a seca teve no cenário nacional, duas grandes comissões foram organizadas para atender às demandas cearenses: a Comissão da Carta Geral do Império, em 1877, responsável por explorar a geografia local e mitigar os efeitos da seca por meio da possível transposição de rios; e a comissão médica liderada pelo Dr. Teixeira de Souza, enviada pelo governo imperial ao Ceará em 1879. Ambas tinham como objetivo percorrer a capital e o interior, além de propor alternativas viáveis para enfrentar a estiagem e controlar o avanço de doenças.

No cenário local, os atendimentos médicos para controlar as enfermidades foram organizados pela Inspetoria de Saúde Pública, principalmente na capital. O interior contava apenas com a comissão de socorros que não abrangia todas as localidades, embora muitas tenham reivindicado esta assistência do poder público local.

Nesse contexto, importantes figuras locais se destacaram, entre elas Rodolpho Theophilo, que refletiu sobre a expressiva quantidade de casos de varíola que atingiram a capital durante a seca de 1877. Formado em Farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1875, Theophilo promoveu ações voltadas para a saúde pública e se notabilizou pelo engajamento nas campanhas de profilaxia contra a varíola no

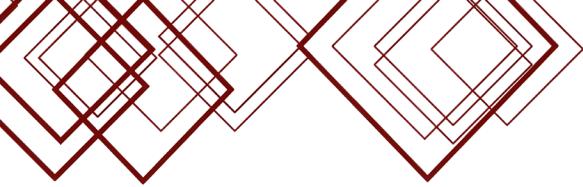


Ceará entre 1900 e 1910. Embora não tenha ocupado cargos públicos diretamente ligados à questão da higiene, o tema esteve sempre presente em suas publicações. Theophilo se destacou ao escrever sobre as secas de 1877, 1888 e 1900 no livro *Variola e Vacinação no Ceará* e para o *Jornal do Ceará*. Suas impressões ampliam a compreensão sobre o cenário epidêmico local e sobre a política de assistência implementada, fornecendo, junto aos periódicos, um contraponto à visão oficial reproduzida nos relatórios dos presidentes de província.

O farmacêutico não acreditava que o tratamento das doenças fosse a medida mais eficaz e preconizava o investimento na profilaxia, especialmente na vacinação. Theophilo também considerou um equívoco o envio da comissão médica ao Ceará em 1879, pois, segundo ele, a equipe desconhecia a doença e tinha pouca capacidade de intervir efetivamente.

399

Diversos trabalhos já foram produzidos sobre a trajetória de Rodolpho Theophilo, sobretudo pelo fato de ele ter sido um opositor frequente do governo cearense e de se posicionar ativamente nos jornais locais. Entre as pesquisas desenvolvidas, destacam-se a de Isac Ferreira do Vale Neto (2006), que fez um balanço sobre as obras do farmacêutico e buscou compreender de que maneira a narrativa dele se inseriu dentro do cenário político local. Lira Neto (1999) é outra importante referência quando se trata da biografia de Theophilo, pois em sua obra *O poder e a peste*, refletiu sobre a trajetória do farmacêutico em meio às epidemias que grassaram no Ceará no século XIX. Charles Ribeiro Pinheiro (2011) trilhou caminho semelhante ao adentrar aos meandros do efervescente debate no qual o farmacêutico estava inserido, considerando principalmente a literatura como meio de expressão utilizado pelo farmacêutico. André Bryan Lima de Correia (2016), por sua vez, escreveu sobre a prática de denúncias que perpassa os escritos do far-



macêutico.

Embora essas pesquisas deem menos atenção aos projetos de erradicação da varíola, destacam como sua narrativa gerou um regionalismo particular, transformando Theophilo em um “literato das secas”. A importância desse personagem reside, também, em suas críticas ao modo como o governo provincial enfrentou a epidemia de varíola desde a seca de 1877 até a implementação de sua própria vacina em 1901.

Dante desse cenário, a atuação de Rodolpho Theophilo não se limitou apenas à esfera literária, mas também foi marcada por um ativismo sanitário significativo, especialmente no que se refere à vacinação. Seus esforços e críticas à inficiência do governo cearense acabaram por moldar parte das políticas públicas de saúde do início do século XX. A partir de sua postura crítica, Theophilo contribuiu para ampliar o debate sobre a importância de políticas de saúde pública no contexto cearense, o que reforçou sua influência no cenário local. No presente artigo, analisaremos como Rodolpho Theophilo inseriu suas ideias no campo político e cultural do Ceará, transformando-se em uma voz proeminente na luta contra as epidemias e os embates travados localmente ao atuar em oposição às políticas públicas da Inspetoria de Higiene do Ceará.

A atuação de Rodolpho Theophilo na saúde pública no Ceará, entre 1877 e 1910, representa um dos capítulos significativos da história da medicina social no Brasil. Este artigo propõe-se a investigar como se estruturaram as políticas de saúde no período e de que forma o farmacêutico interferiu nesse processo, seja como intelectual, seja como agente sanitário. A análise parte de uma perspectiva historiográfica crítica, utilizando fontes primárias – como relatórios da Inspetoria de Higiene, textos publicados por Theophilo, registros da imprensa local e correspondências oficiais – que foram confrontadas com obras secun-



dárias relevantes à história da medicina e da saúde pública.

A metodologia adotada pauta-se na análise documental, com foco na contextualização histórica dos documentos e na identificação dos discursos e práticas que sustentaram a construção da saúde pública como campo de atuação estatal e de intervenção individual. A abordagem privilegia uma leitura que vá além da descrição factual, buscando compreender os sentidos atribuídos à medicina e às políticas sanitárias em meio às transformações sociais e políticas da virada do século XIX para o XX.

### **A seca de 1877 e a epidemia de varíola de 1878 no Ceará**

Após a seca devastadora de 1877, o Ceará enfrentou um cenário crítico de fome, migração em massa e doenças. Em meio a esse panorama, a varíola emergiu como uma ameaça constante, associada às condições precárias de salubridade e à falta de uma política eficaz de saúde pública. Rodolpho Theophilo, um dos mais incisivos críticos da gestão da saúde no período, tornou-se uma figura central ao refletir sobre o impacto da varíola e o que considerou as “falhas” do governo em lidar com a crise sanitária. Em sua obra *Varíola e Vacinação no Ceará*, Theophilo não apenas narra os desafios enfrentados pela população, mas também questiona as medidas adotadas pelas autoridades e defende com veemência a necessidade de práticas profiláticas mais robustas.

No contexto posterior à seca de 1877, Theophilo fez diversas publicações nas quais a varíola aparecia como um dos temas prioritários. Para o autor, a capital cearense estava vulnerável à varíola em 1878, uma vez que o povo estava aglomerado e faminto, com condições propícias, portanto, para o desenvolvimento do patógeno. A cidade do Aracaty, que fazia divisa com o Rio Grande do Norte e ficava a “trinta léguas da



capital” (THEOPHILO, 1997. p.12), já estava tomada pela doença, segundo Theophilo. Os relatórios da Inspetoria de Saúde Pública confirmam estes dados fornecidos por Theophilo, uma vez que ambulâncias eram frequentemente enviadas para a localidade.

Segundo o farmacêutico, a migração contribuiu para que muitos indigentes, acossados pela fome, partissem em direção à capital em busca de socorro, que não era distribuído pelo interior da província. Os jornais locais corroboravam a visão de Theophilo e contradiziam a Inspetoria de Saúde Pública, cujos relatórios afirmavam que houve distribuição de socorros por toda a província. No entanto, os números oficiais sugerem que as localidades atendidas eram bem pontuais e que essa assistência não foi suficiente para conter o movimento migratório para Fortaleza.

402

De uma maneira geral, a assistência pública é o grande problema retratado pelo autor. Os relatos informam que havia de quatro a cinco enfermos para cada médico em Fortaleza e o restante da população do interior sofria os horrores da varíola sem sequer serem assistidos pelo poder público, que se designava a distribuir comida nos abarracamentos e a desinfectar a “atmosphera viciada pelos micróbios da peste” (THEOPHILO, 1997. p. 19) através da utilização do “fumo de pixe” (THEOPHILO, 1997. p. 16).

Segundo os relatórios oficiais da Inspetoria de Saúde Pública, houve a convocação de médicos locais, como o Barão de Studart, Liberato de Castro e Antônio José de Mello, para reuniões onde discutiam a melhoria da salubridade da capital. Embora não tenha participado desses encontros, Theophilo acreditava que a ciência pouco tinha a oferecer para tratar a doença quando ela já estava instalada. O meio mais eficaz, segundo o farmacêutico, era investir na profilaxia, pois “a bexiga que



vem para matar não há medicina” (THEOPHILO, 1997, p. 25). Não havia, para ele, medidas eficazes que pudessem ser apresentadas pelos médicos se não houvesse sequer atendimento hospitalar adequado a todos os acometidos pela doença. A varíola disseminava o caos e, segundo o autor, “raro era o dia em que os urubus não denunciavam uma carniça humana dentro de palhoças nos subúrbios” (THEOPHILO, 1997, p. 28). Enquanto isso, os retirantes recorriam a Deus, pois a “ciência dos homens era nula, não aliviava as dores e nem curava as enfermidades” (THEOPHILO, 1997, p. 31).

Para Theophilo, outro erro cometido na crise epidêmica de 1878 foi o envio da comissão médica pelo governo imperial em janeiro de 1879. O farmacêutico acreditava que, além de confundir varíola hemorrágica com peste bubônica, a equipe desconhecia a realidade local. Theophilo afirmava que a providência do governo imperial nada teve de positivo para amenizar a situação dos indigentes, já que os profissionais de saúde vindos do Rio de Janeiro desconheciam o patógeno que vieram combater:

403

Essa providencia do governo tanto tinha de precipitada como de absurda. Com os conhecimentos mesmo daquelle tempo, nenhuns, sobre o mal levantino, um espirito calmo e reflectido teria regeitado por completo a ideia do aparecimento da peste bubônica no Ceará, quando esta provincia não havia tido comunicação com localidade alguma onde grassasse aquelle morbus.

[...] Hoje, depois dos trabalhos de Yersin é que se pode com toda precisão avaliar a ignorância de nosso poder sanitário e a sua falta de critério enviando aquella comissão medica ao Ceará (THEOPHILO, 1997. pp. 41-42).

Confundir peste bubônica com varíola hemorrágica era extremamente inaceitável para o farmacêutico e descredibilizava os avanços da



ciência. O único sintoma comum entre as doenças, segundo Theophilo, era a febre alta. É preciso considerar, no entanto, não há nenhuma evidência de que a comissão tenha cometido tal erro, apenas as denúncias feitas por Theophilo, que não apresentavam vestígios concretos para investigação.

Para Theophilo, a seca de 1877 foi um grande aprendizado. A chegada da doença, assim como a ineficácia argumentada pelo farmacêutico das vacinas vindas de fora da província, acarretou grande desordem. Estes fatores tantas vezes mencionados pelo autor, o teriam motivado a pesquisar sobre a produção da vacina localmente. Enquanto isso, o Ceará foi retratado por Theophilo com um fim dramático para a epidemia em 1880, com pessoas cegas, deformadas pela bexiga e com pústulas mal cicatrizadas. E o pior de tudo, segundo o autor, a varíola teria se tornado endêmica.

404

### **Campanha de vacinação de Rodolpho Theophilo**

A vacinação se configurou como um dos principais questionamentos feitos por Rodolpho Theophilo ao governo cearense. O farmacêutico suspeitava da linfa utilizada pelo poder público, que vinha do Governo Federal, e destacou que parte da população teve reações à aplicação da vacina devido à sua má qualidade, o que intensificou a relação conturbada com a Inspetoria de Higiene. O discurso presente nas obras de Theophilo ressalta o posicionamento político do autor ao descrever que a varíola foi encarada pelo Estado de maneira equivocada e ao entender que o poder público não conseguia alcançar os resultados esperados para a manutenção da higiene pública.

O início da campanha de vacinação empreendida pelo farmacêutico não teve grandes entraves com o poder público e foi até bem-vista



pelo então presidente do Estado, Pedro Borges, que em 1901 ressaltou a importância da iniciativa de Theophilo de vacinar gratuitamente em meio a uma nova epidemia que grassava por todo o Ceará:

Registro com satisfação e louvor o inestimável serviço prestado pelo distinto pharmaceutico Rodolpho Marcos Theophilo que, por amor do bem publico, se prestou a vacinar gratuitamente a centenares de pessoas, no periodo agudo da epidemia. Da capital passou a varíola a contaminar diversas localidades do interior, percorrendo Iguattu, Morada- Nova, Benjamin Constant, S. Francisco, Missão-Velha, Cratéus, Ipú, Sobral, Granja, Quixeramobim, Saboeiro, Jardim, Senador Pompeu, Baturité, Vazantes, Quixada, Coité, Crato e outras. (Falla com que o exmo sr. dr. Pedro Augusto Borges, presidente da província do Ceará abriu a 1<sup>a</sup> sessão da legislatura da Assembléia Provincial em 1901. p. 60).

Dr. Pedro Borges resolveu apoiar Theophilo no início da campanha, como foi possível ver no trecho em destaque. No entanto, não demorou muito tempo para que o presidente do Estado deixasse de lado o tom elogioso ao trabalho do farmacêutico. Filiado ao mesmo partido de Borges (Partido Republicano), Accioly foi vice-presidente do Estado do Ceará durante a gestão do médico. Embora tivesse sido indicado por um rival político de Accioly, o ministro da Fazenda Joaquim Murtinho, Borges selou um acordo com o coronel onde garantia o apoio dos deputados aliados de Accioly, e em troca dividiria as decisões do Estado com seu vice-presidente. Segundo Waldyr Sombra, o tratado incluía a permuta das cadeiras entre ambos em 1904 (SOMBRA, 1998). Ao analisar a relação entre os políticos, Sombra afirma que Accioly permitiu a permanência de Borges no cargo até 1904 apenas porque este se apresentava como um “caixeiro dócil” (SOMBRA, 1998).

Com o acordo, Borges aparecia se aproximar da política de Accioly e enfatizava sempre que todo serviço de vacinação era feito com



regularidade pela Inspetoria de Higiene, e toda vacina aplicada na população cearense advinha do Instituto Vacinogênico Federal. Com o retorno de Accioly ao poder em meados de 1904, os embates entre governo e Theophilo pareceram se acirrar.

Parte dos problemas encontrados por Theophilo durante a campanha de vacinação se iniciaram ainda em 1903, quando Dr. Meton de Alencar assumiu o cargo da Inspetoria de Higiene do Ceará. Filho de importante médico que atuou em Fortaleza, Alencar era formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e se manteve à frente da Inspetoria até 1912. A atuação de profissionais da saúde era a principal preocupação contida em seus relatórios oficiais:

406

Seguindo a errônea praxe antiga, tem surgido ultimamente não só no interior do Estado, mas ainda aqui, na capital indivíduos que consciente ou inconscientemente vão ao abrigo da justiça, exercendo criminosa e illegalmente, as profissões de médicos, pharmacêuticos e dentistas. (Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Pedro Augusto Borges pelo Dr. Meton de Alencar, Inspetor de Higiene Pública do Ceará, 1904. pp. 5-6).

Na condição de inspetor de higiene, Alencar traduzia o que havia de mais inflamado no que diz respeito aos ofícios de cura. O médico denunciou os diversos indivíduos que sem nenhum tipo de formação, eram indicados por “filhotismo ou compadresco”, aparentemente sem nenhum tipo de critério científico que embasasse suas funções. O resultado disso seria o sacrifício de vítimas que se colocavam no poder desses aproveitadores.

Sobre os farmacêuticos, o médico pontuou o seguinte:

Os pharmaceuticos que pululam demasiadamente no centro do Estado, são em via de regra ignorantes, desconhecedores da arte de formular, e por terem lavado vidros ou rotulado medicamen-



tos em estabelecimentos congêneres, por espaço de 1 a 3 annos, constituem-se pharmaceuticos, da noite para o dia, mediante uma licença que, pela lei em vigor somos obrigados a conceder, em face de documentos, todos graciosos, que por filhostismo ou compadresco conseguem das autoridades locaes, e até das próprias camaras municipais reunidas em sessão.

[...] Grande parte destes individuos, no prazo de dez annos que a lei lhes faculta exercer a profissão em toda sua amplitude, tem sacrificado centenares de pessoas em seus erros inconscientes, sem que a lei possa lhes impor um correctivo e isto, vem pesar na consciência dos administradores da Saude Publica.

Poderíamos relatar innumeros factos que atestariam o que vimos dizer. (Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Pedro Augusto Borges pelo Dr. Meton de Alencar, Inspetor de Higiene Pública do Ceará, 1904. pp. 5-6).

Ao chamar os farmacêuticos de ignorantes, o médico questionava o tempo de estudo e a forma como estes profissionais adquiriram seus diplomas e licenças. O Dr. Meton de Alencar julgava irresponsável liberalizar licenças de dez anos de validade para atuarem na respectiva profissão de formação. O médico exigia uma fiscalização do serviço prestado, assim como uma regulamentação mais dura para conter o avanço dos atendimentos tidos como ilegais e arbitrários dentro do exercício das artes de curar. Apesar de afirmar que atestaria inúmeros fatos que comprovavam suas queixas, os únicos registros encontrados de denúncias feitas pelo Dr. Meton de Alencar foram direcionados apenas a Rodolpho Theophilo.

A função exercida pelo médico era fundamental para evitar que a doença se espalhasse e, embora pudesse agir em parceria com o projeto difundido por Theophilo, as diferenças políticas entre os profissionais no que concerne à responsabilidade do poder público pareciam evidentes: ao ampliar o número de delegacias de higiene pelo interior do Estado, Alencar buscava aumentar a ação da Inspetoria de Higiene ao mesmo tempo em que Theophilo, por julgar estas ações insuficientes,



mobilizava profissionais para atuarem nos sertões do Ceará através de sua Liga Cearense contra a varíola.

O início das intrigas pode ser percebido nas páginas do jornal *A República*, onde Alencar publicava difamações sobre o trabalho desenvolvido por Theophilo. Ao tentar se defender, o farmacêutico recorreu à publicação de um abaixo assinado em seu favor, realizado em abril de 1904, onde 194 homens defendiam Theophilo das acusações contra sua vacina. No quadro geral, figuras ilustres do cenário cearense também participaram da defesa do farmacêutico e assinaram o documento, como João Salgado (gerente do Banco do Ceará), Dr. Eduardo Studart (juiz) e Dr. Eduardo Salgado (médico que foi inspetor de higiene no Ceará). No total, foram 7 professores de Direito, 6 farmacêuticos e 8 médicos, além dos artistas e demais pessoas que, segundo Theophilo, atestaram que seu trabalho produziu bons resultados.

408

Enquanto no cenário local as disputas entre Theophilo e o poder público permaneciam acirradas, os feitos do farmacêutico pareciam repercutir em âmbito nacional. A partir da publicação da primeira parte do livro *Varíola e vacinação no Ceará*, é possível notar como a obra ecoou pelo país, obtendo comentários elogiosos de diversos jornais. Um trecho destacado da *Folha Nova* de São Paulo em 27 de fevereiro de 1905 relatava a importância da obra no cenário nacional:

Em 1900, vem nova sêcca e começa o exodo dos sertões para o litoral. Com esse exodo de famintos, recrudescer a varíola e são ainda esses infelizes os primeiros atacados. Os variolosos morriam e apodreciam nas praças públicas, sem ter quem os soccorresse e quem os enterrasse!

O único favor que o governo do Estado concedeu a esses infelizes foi dar-lhes um pequeno lazareto sem capacidade para conter o elevado número dos atacados e que afinal mandou fechar, exactamente quando a epidemia atingia o seu auge!

Foi em presença dessa criminosa incuria por parte do poder



publico, que Rodolpho Theophilo tomou a si o encargo de exterminar a varíola no Ceará, montando a sua custa um Instituto Vacinogênico em Fortaleza, organizando a Liga cearense contra varíola, creando em todo o Estado comissões vacinadoras e fornecendo gratuitamente a essas comissões e a toda gente, que a solicitasse, vacina e lancetas, e ainda vaccinando e ensinando a vaccina (Editorial *Folha Nova* de São Paulo, 27 de fevereiro de 1905).

Elogiado como homem de ciência, a notícia apresentava a imagem de Theophilo como um verdadeiro herói que assistiu à população onde havia a ausência do poder público. Este mesmo tom elogioso foi noticiado nas páginas de *O Paiz*, que declarava admirar o farmacêutico apesar das divergências políticas. Na edição do dia 22 de janeiro de 1905, o jornal defendia a ideia de que o governo republicano, embora falhasse em suas práticas, tinha como dever primordial justamente aquilo que Theophilo tentava suprir por conta própria — o amparo às populações sertanejas marginalizadas. No entanto, ao mesmo tempo em que procura corrigir o “erro” de julgamento atribuído a Theophilo, o discurso acabava por reforçar, ainda que involuntariamente, a legitimidade de sua crítica: a negligência do Estado é tão evidente que permitiu que um cidadão, sem apoio moral ou material, realizasse uma obra de saúde pública de grande impacto. Ao exaltar a iniciativa individual de Theophilo como exemplo “precioso” de eficácia profilática, *O Paiz* escancarou a contradição entre o ideal republicano e sua execução concreta, sugerindo que o reconhecimento do mérito individual não eliminava, mas antes evidenciava, a omissão estrutural do poder público.

No Nordeste, foram tecidos diversos elogios à atuação de Theophilo nas páginas do *Diário de Pernambuco*, de *A República* do Rio Grande do Norte e do Piauí e do *Diário de Notícias* da Bahia. Todas as matérias positivas foram publicadas ainda no início de 1905, porém o



*Annaes* do Rio de Janeiro contrariou a onda de elogios distribuídos à Theophilo ao publicar no dia 16 de fevereiro de 1905, um trecho da notícia de *O Tempo*, folheto distribuído semanalmente em Fortaleza: “A lympha do Sr Rodolpho Theophilo é mesmo uma maravilha. De uma creança, sabemos nós, que tendo sido vaccinada pela manhã, a tarde era com os anjos. Não resistiu a innocent creature, ao frouxo que a lympha lhe produziu” (*O Tempo*, Fortaleza, 1 de novembro de 1904 apud *Annaes*, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1905). No dia 11 de março de 1905, o jornal *A República*, de Fortaleza, também colocou em suas páginas a matéria sobre a morte da criança supostamente causada pela vacina aplicada por Theophilo. A publicação marcou para o farmacêutico o início de uma guerra declarada, segundo relatou em sua obra *Variola e vacinação no Ceará*. A partir deste fato, *A República* passou a noticiar diversas cartas escritas por Dr. Meton de Alencar. Em 1905,  
410 com a matéria intitulada *O charlatão*, abordou o tema da morte da criança após a vacina antivariólica:

Somente porque nos não acoimem de menos discretos, julgamos dever insistir no facto, que denunciamos ao leitor, da morte de uma creança vaccinada pelo hystrião da Pajussara. Trata-se bem se vê de urn facto da maior gravidade, e que affecta menos ao ignorante e pretencioso pharmacoco, do que ao publico, cuja vida não pode estar a mercê do primeiro impostor. Que se abra sobre elle o mais rigoroso inquerito, e, apuradas as responsabilidades, se tomem as providencias que se fizerem necessárias, a beneficio dos mais vítaes interesses da população (*A República*, 14 de março de 1905 apud THEOPHILO, 1910. p. 303).

A morte da criança foi assunto de grande repercussão, comentado entre os principais veículos de informação local. Para a Inspetoria de Higiene, a vacina produzida por Theophilo teria sido a responsável pela tragédia. Dr. Meton de Alencar chegou a enviar uma circular a todos os delegados de higiene do interior do Estado e aos médicos da capital,



pedindo a opinião de todos sobre a qualidade da vacina produzida pelo farmacêutico, porém as respostas não foram divulgadas. O impacto da difamação nos jornais foi relatado por Theophilo, que alegava ser calúnia da imprensa que não conseguia ouvi-lo e acreditar no “preservativo de Jenner” (THEOPHILO, 1910. p. 309).

Na tentativa de aliviar a tensão, Theophilo enviou carta aos médicos que cuidaram da criança e para a família envolvida no caso denunciado. Como resposta, o autor dizia que tanto Dr. João Hipólito de Azevedo e Sá quanto Dr. Eduardo Salgado foram esquivos em suas respostas, não deixando claro o motivo exato da morte:

Não quero a invasão do mal a que respondo sem afirmar ou contestar. Esta minha resposta impõe uma justificativa que me parece não ser extemporânea.

A meningite, sabemos nós médicos, pode realizar-se de trez modos:

411

1º Quando as meninges comunicam com o exterior por uma lesão previa; 2º - ella é resultante da propagação de uma infecção da pelle ou das cavidades que lhe ficam perto; 3º - ella provem de uma infecção cujos germes atingiram essas membranas ou por via sanguínea ou por via lymphatica.

De acordo com estas ideias, 3 causas havia possíveis na determinação daquela meningite: o terreno, a otite e a vacinação recente.

Não é possível excluir esta ultima causa, visto que estando as pústulas vaccinicas no começo do período de secca, distavam há bons doze dias da cicatrização, único período em que se interrompesse o citado processo mórbido já não era lícito relacionar esta causa com aquelle efeito. (THEOPHILO, 1910. p. 345).

Dr. Azevedo e Sá chega a relatar que não se considera um partidário da vacinação, mas também não é contrário, embora o médico relate que ainda que “confeccionada sob preceitos modernos da technica rigorosa” (THEOPHILO, 1910. p. 345), não acredita que o método



da vacina animal fosse 100% seguro. Dr. Eduardo Salgado foi mais impreciso ao tratar do que ocasionou a morte e não chegou a afirmar com certeza ter se tratado da vacina o motivo do óbito:

Impossível afirmar qual o agente pathogenico determinante da causa mortis unicamente pelo quadro clinico sem descer as minudencias da diagnose. Esse agente bem podia ser único ou associado, hereditário ou tributário de uma afecção adquirida da vizinhança; de uma afecção a distancia e ainda de uma infecção geral (THEOPHILO, 1910. p. 347).

Dr. Salgado relatou ter sido a meningite a causa morte, porém não descreveu o que poderia ter ocasionado a doença, sem descartar a possibilidade de ter sido em decorrência da vacina. Depois de ter cooperado com a vacinação de Theophilo em 1901, Salgado parecia se abster de promulgar um veredito a respeito da vacina produzida pelo farmacêutico. O tio da criança, senhor Antonio Nunes Valente, foi mais descriptivo em sua resposta e prestou um depoimento onde alegou a febre ter aparecido dois dias após a vacinação de seu sobrinho. Valente afirmava que a criança havia sido diagnosticada com meningite pelo Dr. Eduardo Salgado e Dr. João Hypolito (THEOPHILO, 1910. p. 349).

Muitos podem ter sido os fatores que levaram ambos os profissionais a não descreverem um diagnóstico mais exato, o que mantinha o suspense sobre o caso, mas não há indícios encontrados sobre processo formal contra Rodolpho Theophilo, seja levantado pela família ou pela Inspetoria de Higiene. As respostas indicam que a vacinação seguiu seu curso normal, com sintomas controlados e evolução esperada das pústulas, o que distancia a vacina da causa da morte. A presença de dois médicos, a concordância diagnóstica (meningite) e a ausência de sinais de infecção no local da aplicação funcionam como evidências clínicas que neutralizam a narrativa de culpa. Ainda assim, as publicações reve-



lam tensões latentes entre ciência, opinião pública e confiança institucional: a menção ao aspecto “linfático” da criança e ao orifício próximo ao ouvido sugere um diagnóstico impreciso ou incompleto, deixando margens para dúvida. Assim, o episódio ilustra o frágil equilíbrio entre a promoção da vacinação como política pública e o receio popular diante de eventos adversos pouco compreendidos, apontando assim os limites da medicina preventiva em um contexto marcado pela precariedade dos registros e das relações entre agentes de saúde *versus* população, principalmente no que diz respeito à ação de Theophilo.

O que o farmacêutico questionava era a maneira como o Governo do Ceará encaminhou a repercussão, sempre noticiando como se tivesse sido um erro cometido em decorrência da produção da vacina. Concomitante a este acontecimento, Dr. Meton permanecia publicando artigos contra a atuação de Theophilo com o objetivo de descreditar sua formação:

413

É um homem realmente extraordinário esse Sr. Rodolfo Teófilo. E assim são todos os produtos do conhecido homem de tretas, que se como literato é uma vacuidade, como vacinador não passa de um intrujo, cujas artimanhas são continuamente desmascaradas, empestando a cidade com sua linfa nociva. [...] Enriquecendo à custa das linfas, exportador para o Amazonas, onde enfim, foi descoberta a malandrice do negociante de vacinas imprestáveis. Vacina sem observar os preceitos anti-sépticos, veio confirmar ontem um dos periódicos da capital. Não sendo médico, nem mesmo ruim veterinário, comete até um crime, servindo-se para suas culturas antivariólicas de vitelos não previamente inspecionados por competentes, podendo acontecer (não digo por má-fé, mas por ignorância) utilizar-se de animais atacados por moléstias infecciosas como o carbúnculo, a aftosa etc. [...] Fantástico esse senhor Rodolfo Teófilo! Um verdadeiro romance! (*A Repúlica*, 20 de setembro de 1905 apud THEOPHILO, 1910. p. XXXII).

Este fragmento revela como Theophilo era considerado um pe-



rigo com sua “linfa nociva”. O que foi levantado pelo médico era o “crime” cometido por Theophilo ao realizar procedimentos sem ser um profissional formado para tal, ou como disse o próprio Alencar, “nem mesmo ruim veterinário”. Ainda em seus artigos, Alencar falava que o farmacêutico era um “ignorante no aumentativo” (*A Republica*, 25 de outubro de 1905 apud THEOPHILO, 1910. p.XXI).

Alencar afirmava também que a vacina de Theophilo não produzia efeitos positivos, já que as localidades onde havia a vacinação difundida pela Liga Cearense estavam sendo acometidas por vários casos de varíola. Para refutar as informações passadas por Alencar, o farmacêutico recorreu aos párocos das localidades do interior e anexou a resposta recebida, confirmando que não havia registro da varíola nas paróquias consultadas. O padre Antonio Tabosa Braga, de Santa Quitéria, deixou a seguinte mensagem que foi publicada no Jornal do Ceará no dia 1 novembro de 1905: “Atesto que no período de 1º de Julho de 1904 á 12 de Julho de 1905, não grassou a varíola em minha freguezia. Em fé de parocho o afirmo” (*Jornal do Ceará*, 1 de novembro de 1905. p. 2). Além do padre Braga, as paróquias de Granja, Camocim, Quixadá e Maranguape também publicaram suas mensagens alegando que não houve registro de varíola para o mesmo período em suas respectivas localidades (*Jornal do Ceará*, 1 de novembro de 1905. p. 2).

As alegações dos padres consultados retratam apenas a ausência da doença nas regiões comentadas. A Inspetoria de Higiene respondeu às informações trazidas por Theophilo e publicou no jornal *A República* a resposta que foi transcrita no *Jornal do Ceará*, também no dia 1 de novembro de 1905. A resposta do Dr. Meton de Alencar dizia que não houve estatística mortuária para o período afirmado (1º de Julho de 1904 a 12 de Julho de 1905), e que não era necessário incomodar os padres com a publicação de tais documentos. Não há nenhum registro



que comprove a afirmação do médico no que diz respeito ao aumento do número de casos relacionados à vacinação da Liga.

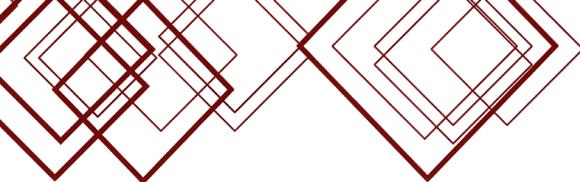
Todas as anotações e cartas enviadas pelos párocos do interior não se apresentavam como provas suficientes para o médico de que a população estava fora de perigo. Para Alencar, os erros de Theophilo iam além da formulação de vacinas. Os preparados, inclusive, seriam falsificações, uma vez que o farmacêutico desconhecia os princípios da química e da fabricação de vinhos (*A República*, 6 de novembro de 1905 apud THEOPHILO, 1910. pp. XLVI- XLVIII).

Alencar trouxe ao debate o processo da fermentação para explicar que Theophilo não dominava os princípios químicos básicos, e consequentemente, isso poderia ser percebido na produção de suas vacinas. No entanto, o médico não estava sozinho e recebeu o apoio do Dr. Borges Mamede, professor interino de física e química do Liceu Cearense, que dizia ser a vacina de Theophilo uma “verdadeira varíola” e “entre Sr. Dr. Meton de Alencar, inspector de saude e o irritadiço commerciante de lympha vaccinica, todas as vantagens são a favor do primeiro, não só quanto à capacidade, como no que respeita aos meios de chegar ao conhecimento dos factos arguidos” (*A Republica*, 25 de outubro de 1905 apud THEOPHILO, 1910. p. 316).

415

Alencar afirmava que Theophilo desconhecia os princípios sépticos e poderia colocar em perigo a sociedade através da inoculação de “vírus pútridos”, chegando a acusar Theophilo de desconhecer os procedimentos básicos na produção da vacina animal:

É sabido que o fato de ferir a epiderme e inocular a lympha e obter depois uma pústula, não é o que constitui a imunidade, uma vez que a pústula pode não ser vaccinica e sim devido a qualquer outra causa de natureza infecciosa. Com que critério seus comissários podem lhe informar que o paciente teve pro-



veito com sua lympha? Talvez até s.s, tão entendido em vaccina não saiba distinguir uma cousa de outra? (*A Republica*, 23 de março de 1906 apud THEOPHILO, 1910. p. XXXV).

O médico ironiza a empreitada do farmacêutico, desqualificando-a, transformando Theophilo de herói (nas páginas locais e alguns jornais nacionais) a bandido (principalmente em *A República*). Mesmo que a vacina conseguisse alcançar uma grande quantidade de pessoas, Alencar questionava o aproveitamento dessas linfas, uma vez que para o médico o material era de procedência duvidosa, assim como o seu produtor não era confiável.

416 Dr. Meton de Alencar seguiu as publicações ressaltando o insucesso da campanha de vacinação de Theophilo pelo interior do Estado e alegou que o farmacêutico tentava esconder informações sobre a vacinação, quando questionado pelos delegados de higiene. Enquanto isso, os relatórios da Inspetoria de Higiene insistiam na preocupação com a vacinação da Liga Cearense:

Por mais de uma vez temos lido convocações para secções de vacinação directa do vitelo ao braço, sem previa autorização d'esta Inspetoria, fazendo-se disso grande cabedal de altruísmo e sentimentos humanitários; no entanto, em nosso entender, e de acordo com os preceitos scientificos modernos, tal pratica deveria ser condenada como capaz de levar ao organismo receptor, de envolta substancia prophylactica, espécies nosologicas que muitas e graves alterações podem ocasionar a saúde individual, determinando mesmo a morte.

Como se acha humano introduzir no organismo de alguém uma polpa vaccinica que não se submeteu aos methodos aconselhados para sua expurgação e consequente purificação, tornando assim completamente inocente o seu emprego, observada a rigorosa antisepsia da parte a inocular?

(Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Antonio Pinto Accioly pelo Dr. Meton de Alencar, Inspetor de Higiene Pública do Ceará, 1906. pp. 20-21).



Além de questionar a vacinação feita por Theophilo sem autorização da Inspetoria, o Relatório de 1906 da Inspetoria de Higiene ainda condenava a vacina aplicada pela Liga, indicando que os imunizantes poderiam causar consequências graves à saúde, levando inclusive à morte. Dr. Meton de Alencar relatava que embora Theophilo oferecesse o imunizante de graça para os cearenses, o farmacêutico se beneficiava da venda do produto para outros Estados. Segundo Theophilo, as vacinas eram vendidas a preço de custo para os Estados do Piauí, Amazonas, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia (THEOPHILO, 1910. P. LXXVIII) e o envio de cerca de 400 tubos por mês para fora do Estado teria acontecido apenas até o ano de 1904. Alencar, no entanto, não acreditava na interrupção do envio de linhas para fora e chegou a sugerir o fechamento do Instituto Vacinogênico criado por Theophilo:

417

Em outros países estes factos tem acarretado o fechamento de alguns institutos vacinicos, que, desviados dos preceitos higienicos, forneciam produtos sem virulência, sem poder vaccinico, verdadeiramente inerte, fazendo crer aos vacinados terem imunidade contra tão terrível morbus. Entre estes estabelecimentos acham-se os Institutos de Dijon e de Anzin (Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Antonio Pinto Accioly pelo Dr. Meton de Alencar, Inspetor de Higiene Pública do Ceará, 1906. p. 22).

Dr. Meton de Alencar alertou que Theophilo não possuía manejo do microscópio e nada entendia de bacteriologia. Ao ser chamado de falsificador, Theophilo acusou Meton de ser seu cúmplice pelo fato de ocupar o cargo de Inspetor de Higiene Pública do Ceará e nada fazer para impedir a vacinação por ele coordenada:

O público vê todos os dias nas páginas editoriais da folha do governo as mais acrimonianas injúrias à minha pessoa, à minha propaganda. Eu sou UM IGNORANTE, UM SANDEU, UM



MENTECAPTO, QUE VIVO A ILLAQUEAR A BÔA FÉ e DOS INCAUTOS COM O ENGODO DE MINHA LYMPHA VACCINICA. Por que o Governo do Estado applaude e consente essa linguagem em sua folha? Consente e applaude porque não comprehende os seus deveres, as suas responsabilidades como chefe da magistratura do Estado. Se é verdade o que dizem de mim e da vaccina por mim preparada, o governo do Estado está deixando que o accusem, em seu próprio jornal, uma vez que não prohybe que eu attente contra a saúde publica (THEOPHILO, 1910. p. 318).

418

O tempo inteiro a questão que norteia os argumentos de Theophilo é: se há falsificadores, por que a Inspetoria não os pune? Apesar de todo debate travado, Theophilo dizia que a campanha se mantinha “surda e implacável” a fim de controlar o desenvolvimento da varíola. Para amenizar os questionamentos do Dr. Meton, o farmacêutico decidiu enviar uma carta ao Instituto Soroterápico do Rio de Janeiro solicitando a verificação da qualidade de suas vacinas. O resultado enviado em maio de 1907 pelo Dr. Figueiredo de Vasconcelos, médico responsável pela análise do material no Instituto, pode ser lida a seguir:

Tenho a honra de apresentar-vos o resultado do exame bacteriologico procedido na vaccina anti-variólica preparada pelo sr. Rodolpho Theophilo. Os tubos de vaccina a examinar estavam accondicionados n’uma pequena caixa de madeira, aberta nas extremidades. Os tubos de lympha vaccinica estavam envolvidos em papel de chumbo, fechados a lampada em ambas as extremidades, a excepção de um, em que uma dellas estava mal soldada. A vaccina nelles contida era de cor amarellada, notando-se perfeitamente a separação existente entre a agua glycerinada e a polpa, não havendo homogenisaçāo perfeita. Todos apresentavam o mesmo aspecto, a excepção do que ficara mal fechado, o que permitiu o desenvolvimento d’um bolór. (...) Verificada a inocuidade da vaccina, varias creanças foram com ella vacinadas e o resultado foi o MELHOR POSSIVEL, nos pontos da inoculação desenvolveram-se pustulas características, não havendo o menor signal de infecção estranha (THEOPHILO, 1910. p. 60).



O resultado, publicado no livro *Varíola e vacinação no Ceará* e disponibilizado na capa do *Jornal do Ceará*, relata que foram recebidos tubos com a linfa vacínica devidamente lacrados e que o conteúdo analisado estava em perfeito estado, não acarretando problemas às crianças vacinadas. O relatório de um Instituto Federal, com credibilidade dentro do debate científico, atestando a qualidade da vacina, porém, não calou a oposição à Theophilo:

Supõe o Sr. Rodolfo Teófilo, com o retorno que lhe fora enviado pelo distinto colega Dr. Figueiredo de Vasconcelos sobre a sua linfa vacínica, poder fugir do remorso que o atormenta pela possibilidade de haver contribuído com sua vacina impura ou vacinação séptica para a morte de uma criancinha em pleno vigor de saúde (*A República*, 8 de novembro de 1907 apud THEOPHILO, 1910. p. XL).

Para Dr. Meton de Alencar, o resultado não era suficiente para comprovar a eficácia da vacina. Apenas a média dos resultados da vacinação poderia conter os rumores contra a campanha profilática produzida por Rodolpho Theophilo, mas estes números, ressalta Alencar, o farmacêutico não dispunha.

As consequências do embate travado entre Theophilo e Dr. Meton de Alencar acabaram repercutindo na vida do farmacêutico, que foi demitido do Lyceu cearense após 20 anos de trabalho na cadeira de professor interino de Física e Química. Em seu livro *Violência*, Theophilo contou como José Aciolly, filho do presidente do Estado, foi nomeado professor do Lyceu sem ter prestado concurso e sequer ter exercido a função, uma vez que ocupava o cargo de secretário do interior. Em sua obra, o autor questionou o motivo de ter sido despedido do Liceu:

Onde pois a justiça, a equidade, o critério de um governo que assim procede? Um governo que promulga regulamentos fora



de tempo, que tira vencimentos de professores vitalícios com vinte anos de serviço, negando-lhes todos os meios de defesa aos seus direitos e depois, pelas colunas de seu jornal, ainda por cumulo de acidente, de menospreso á opinião publica, insulta o funcionário a quem esbulhou (THEOPHILO, 2005. pp. 41-42).

Para Theophilo, o governo cearense se preocupava mais em manter privilégios da família e dos mais próximos, e perseguia quem era da oposição. O farmacêutico buscou se legitimar através da Diretoria Geral de Saúde Pública e em 1908 enviou uma carta a Oswaldo Cruz, publicada no jornal Imprensa, no Rio de Janeiro, mas não obteve resposta:

Exmo. Sr. Dr. Oswaldo Cruz. Minhas respeitosas saudações.

(...) O nosso quadro nosológico é variadíssimo, e nem podia deixar de ser, se Fortaleza ocupa o sexto lugar entre as cidades de maior mortalidade do mundo. Pela ligeira exposição que acabo de fazer, vê V. Ex.<sup>a</sup> o nosso agravio em matéria de saúde pública. Os cargos aqui são exercidos, não pelos mais competentes, mas pelos que melhores serviços prestam á politicagem.

A guerra que têm feito os poderes públicos á minha propaganda de vacinação anti-variólica é uma prova disso. Essa propaganda tem sido uma via-sacra. Conhece V. Ex.a, por experiência própria, o ataque dos nulos, dos ignorantes, a mizeria da imprensa venal e mercenaria, mas desconhece talvez os despropósitos das nullidades quando governo. Na propagação da vacina tive que arrostrar com a ignorância do povo e com as iras dos poderes públicos. Ao vulgo venci com a palavra, doutrinando; ao governo desprezando as suas invectivas e tendo compaixão de sua cegueira. Porque venci? Porque eu estava com a verdade (THEOPHILO, 1910. pp. 124-127).

Rodolfo Theophilo afirmava em suas publicações que o Inspector de Higiene do Ceará, Dr. Meton de Alencar, deveria processá-lo ou proibi-lo de seguir com a campanha de vacinação, caso contrário não passaria de um difamador. A suspensão da campanha empreendida pelo farmacêutico não aconteceu e a justificativa para a inexistência



de processo contra Theophilo era a de que o farmacêutico encarou o atrito como uma perseguição política, e não entendeu a gravidade do próprio ato, que segundo o médico, era uma grande irresponsabilidade científica. Theophilo encerrou sua obra falando sobre o que ele mesmo chamou de “história do meu calvário” e acentuou como foi conturbada sua relação com o Inspetor de Higiene.

Nesse contexto, é possível notar que havia um atrito ocasionado pelas diferentes perspectivas políticas de ambos, o que acarretou um grande somatório de publicações com ataques que descredibilizavam o trabalho alheio.

Dentro das perspectivas que foram aqui debatidas, a análise das ações de Theophilo, em resposta ao que considerava descaso do poder público em relação ao controle da varíola, revela a interdependência entre saúde pública e política em momentos de crise. Suas críticas às medidas oficiais e a iniciativa de promover campanhas de vacinação demonstram como agentes locais influenciaram o desenvolvimento de soluções em contextos de precariedade. Ao examinar seus embates com figuras como o Dr. Meton de Alencar, percebe-se que as tensões entre diferentes visões sobre saúde e governança foram fundamentais para moldar as políticas públicas no Ceará.

421

## **Considerações finais**

Rodolpho Theophilo foi uma figura importante no debate sobre a saúde pública no Ceará, destacando-se por suas críticas à condução das campanhas de vacinação e à ineficiência do governo local. Suas obras e denúncias revelam um contexto de desconfiança em relação às vacinas enviadas pelo governo central e expõem o impacto das disputas políticas nas ações sanitárias implementadas no Estado. Ao propor al-



ternativas e estabelecer iniciativas próprias, Theophilo se inseriu como uma voz dissonante, questionando práticas sanitárias e defendendo a profilaxia como método mais eficaz para combater a varíola.

Ao analisar as fontes documentais e narrativas do período, percebe-se que Theophilo não se limitou a registrar a história das epidemias, mas assumiu um papel ativo no cenário político e social do Ceará, reforçando a importância de medidas profiláticas e lançando luz sobre as limitações do sistema de saúde público cearense no final do século XIX e início do XX. Suas obras trazem à tona outro ponto de vista acerca de como a epidemia foi administrada pelo Estado e como a vacinação se tornou tema de debate nos jornais locais cearenses.

Sua postura crítica resultou em embates acirrados com as autoridades de saúde local, em especial com o Dr. Meton de Alencar, inspetor de higiene, que frequentemente desqualificava o trabalho de Theophilo. Essa disputa culminou em um ambiente de confrontos públicos que repercutiu nos jornais locais e trouxe para a pauta diferentes reflexões políticas acerca do controle de doenças, em especial a varíola.

É fundamental, portanto, considerar que a atuação de Rodolpho Theophilo ocorreu à margem das estruturas institucionais recém-formadas pela República proclamada em 1889, o que ampliou os tensionamentos entre sua prática e os modelos oficiais de autoridade sanitária. Como farmacêutico sem vínculo formal com o Estado, Theophilo encarnava uma forma alternativa de atuação política, baseada na mobilização social e na construção de legitimidade por meio da prática direta e da denúncia pública. Essa condição de “outsider” intensificou os embates com os representantes do poder público, que viam sua atuação como uma afronta à ordem republicana em consolidação, especialmente num momento em que o Estado buscava afirmar seu domínio sobre as po-



líticas de saúde. O embate entre a autoridade técnica estatal e a ação civil autônoma de Theophilo evidencia as contradições de um regime republicano que, embora proclamado sob a égide da modernidade e da ciência, ainda operava com estruturas precárias e pouco acessíveis à população. Nesse sentido, a trajetória de Theophilo também permite refletir sobre os limites da institucionalização da saúde pública no Brasil e sobre as formas como a cidadania era reivindicada, disputada e construída fora dos canais oficiais de poder.

## Referências Bibliográficas

Fontes:

### Jornais e Revistas

*O Paiz*, Rio de Janeiro.

*Folha Nova*, São Paulo.

*A República*, Fortaleza.

423

*Jornal do Ceará*, Fortaleza.

*O Tempo*, Fortaleza.

### Relatórios Inspetoria de Higiene Pública do Ceará

Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Pedro Augusto Borges pelo Dr. Meton de Alencar, Inspetor de Higiene Pública do Ceará, 1904.

Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Antonio Pinto Accioly pelo Dr. Meton de Alencar, Inspetor de Higiene Pública do Ceará, 1906.

### Fontes impressas

THEOPHILO, Rodolpho. *Varíola e vacinação no Ceará*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910.

THEOPHILO, Rodolpho. *Varíola e Vacinação no Ceará* (ed. Fac-sim). Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.



THEOPHILO, Rodolpho. *Violência* (Ed. Fac-sim). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005.

Bibliografia geral sobre o tema

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino (1877 – 1922)*. Dissertação de mestrado, Unicamp, 1988.

CORREIA, André Brayan Lima. *O intelectual da varíola: A escrita biopolítica de Rodolfo Teófilo sobre a profilaxia no Ceará. (1901-1910)*. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2016.

GADELHA, Georgina. As doenças no Ceará: salubridade, higiene e teorias epidêmicas no século XIX. In: BARBOSA, A. GADELHA, G. OLIVEIRA , I. *Ceará: Ciência, Saúde e Tecnologia (1850-1950)*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

424 GARCIA, Ana Karine Martins. *A Ciência na saúde e na doença: atuação e prática dos médicos em Fortaleza (1900-1935)*. Tese de doutorado. PUC-SP, 2011.

FERREIRA, Luís Otávio; SANGLARD, Gisele; BARRETO, Renilda. *A interiorização da assistência: um estudo sobre a expansão e diversificação da assistência à saúde no Brasil (1850-1945)*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

NETO, Isac Ferreira do Vale. *Batalhas da memória: a escrita militante de Rodolfo Teófilo*. Dissertação de mestrado. UFC, 2006.

NETO, Lira. *O poder e a Peste. A vida de Rodolfo Teófilo*. Fortaleza: Ed. Fundação Demócrito Rocha, 1999.

NEVES, Frederico de Castro. A companheira da seca: narrativa sobre as epidemias de varíola no Ceará. In: BARBOSA, A. GADELHA, G. OLIVEIRA , I. *Ceará: Ciência, Saúde e Tecnologia (1850-1950)*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.



PINHEIRO, Charles Ribeiro. *Rodolpho Theophilo: a construção de um romancista*. 201f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza-CE, 2011.

SECRETO, María Verónica. A seca de 1877-1879 no Império do Brasil: dos ensinamentos do senador Pompeu aos de André Rebouças: trabalhadores e mercado. *História, Ciências, Saúde – Mangueiros*, Rio de Janeiro, v.27, n.1, jan.-mar. 2020, p.33- 51.

SOMBRA, Waldyr. *A Guerra dos Panfletos: Maloqueiros versus Cafinfins*. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1998.

SOUZA, José Weyne Freitas. *Política e seca no Ceará: Um projeto de desenvolvimento para o Norte (1869-1905)*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 2009.